

DEPOIMENTO

Alguns aspectos actuais da Medicina do Trabalho

AGAPITO SERRA F. VIDAL

Médico do Trabalho

O estado psico-social dos trabalhadores, tem evoluído de uma forma que obriga o Médico do Trabalho a constantemente se debruçar, perante o problema que representa.

A promoção social, sob certo aspecto, obtida pelos contractos de trabalho e pela melhoria de salários, não traduz aumento de cultura e educação cívica.

Do sistema paternalístico, passou-se a outro regime, em que o trabalhador se vê protegido pelo seu sindicato, que organizou o contracto colectivo e a subida dos ordenados, por outro lado, originou uma maneira de viver imposta por uma sociedade de consumo, quer no campo do conforto doméstico, quer no da utilização dos tempos livres.

Estas melhorias, muito de louvar no que têm de progresso humano, levam a maioria de quem trabalha a encarar o emprego e a remuneração, sob um ponto de vista completamente diferente da óptica do passado.

A pressão publicitária, o exemplo dos vizinhos ou dos companheiros, criou uma emulação de gastos, que se traduz em completa indiferença pelo futuro, assegurado por uma Previdência titubeante.

A dedicação à Empresa está a desaparecer e salvo reais exemplos, a Fábrica só e apenas representa a acti-

vidade que é preciso exercer, para conseguir um salário que cubra as despesas não só indispensáveis mas também as superfluas, mas que marcam o «standing» social.

Esta concepção de vida ainda é mais real na prática, devido aos contactos com emigrantes trabalhadores, que descrevem, quantas vezes com exagero, as condições de vida no estrangeiro.

Naturalmente que se busca uma justiça social e que outrora a individualidade patronal-paternalística, exercia muitas vezes, quase despoticamente, o seu governo, sem calor humano a suavizá-lo.

Mas a situação actual das relações entre patrão e empregado, não deve permitir que uma separação psicológica se interponha entre colaboradores e a administração, com o risco de incompreensões e revolta, facilmente alimentado e excitado por indivíduos presentes em todas as sociedades, quantas vezes apolíticos, mas que no seu íntimo se comprazem em influenciar para mal aqueles que os cercam, talvez por uma motivação de promoção individual, não obtida por outros meios de competição profissional.

O mal estar que se pode gerar numa empresa, é um perigo de graves consequências, por ir desarticular as boas relações que devem ser promovidas a todo o custo e por isso o Médico do Trabalho tem uma função muito importante a desempenhar, nos aspectos de incompre-

ensão, incompatibilidade e frustração, que se geram neste convívio de empregador/trabalhador.

Não é e nunca será um árbitro de conflitos sociais, mas a sua missão junto dos trabalhadores, por os conhecer individualmente e por ter merecido a sua confiança, é muito importante.

No momento actual e com a evidência dos fenómenos político-sociais em que estamos envolvidos, o intenso «stress» que sofremos, dá aos trabalhadores preocupações novas, que se sobrepõem a outras mais próximas que sempre existiram.

A situação dá origem à necessidade de alienar a angústia inerente, solicitando a ajuda de quem nos sugira solução, ou até, de quem pacientemente escute e esteja obrigado a segredo profissional.

Simultaneamente, o facto de se estar a praticar menos a confissão na religião católica, por crise de descrença ou por falta de confiança no sacerdote ligada à profunda remodelação da Igreja em todo o Mundo,

obriga os Médicos a substituir o confessor a quem quase sempre se recorria para aliviar tensões psíquicas.

Porque o Médico do Trabalho merece a confiança, é a ele que se procura, buscando alívio para muitas e diferentes depressões incipientes, que aumentaram nitidamente nos últimos tempos.

O seu conhecimento do clima social dentro da Empresa, o ter presente o carácter e tensões psíquicas dos colaboradores, através de convívio profissional de vários anos, pode dar como resultado uma acção muito importante, se tiver o bom senso de se conservar independente e nunca ser mentor de atitudes patronais ou do pessoal.

O merecer o respeito e confiança de ambos os sectores é indispensável para bem desempenhar a sua missão, pois se tal não conseguir será juguete de pressões a que deve ser completamente estranho ■

Estoril, 2 de Junho 1974